

“Duke Ellington é um arquiteto do som, um engenheiro musical, um artista que usa sua sensibilidade, sua inteligência e o seu humor para dizer, na sua linguagem, o que tem necessidade de dizer, seja sobre gente, coisas ou estados de espírito”

LUIZ ORLANDO CARNEIRO
Crítico Musical, “Jornal do Brasil”

A CASA BRANCA nunca viu nada igual. Os grandes do mundo do jazz e um pianista amador chamado Richard Nixon tocavam e cantavam com o maior entusiasmo, comemorando o 70.º aniversário de Duke Ellington. O Presidente tocou o *Happy Birthday* no piano da Sala de Leste e depois condecorou Ellington com a Medalha Presidencial da Liberdade. “Na realidade da música americana”, disse Nixon, “ninguém tem mais ritmo nem ocupa lugar mais alto do que Duke.”

Duke beijou o Presidente duas vezes em cada face—a máxima manifestação de sentimento em Ellington—e a festa continuou animada até de madrugada, com os famosos convidados tocando melodias de Ellington, Duke ao piano. “Nunca vi isto assim”, disse um velho mordomo, enquanto servia champanha. “Hoje está cheio de vida.”

Aquela animada festa em abril de 1969 foi a mais espetacular de uma série de comemorações do aniversário desse notável pianista, regente e

Condensado de
BALTIMORE SUNDAY SUN
JOHN REDDY



Jazz de Black Tie

compositor. Depois da festa, um amigo observou que Ellington tinha um ar cansado. "E não havia de ter?", perguntou Duke. "Você algum dia soprou 70 velinhas 10 noites seguidas?"

Na verdade, Ellington pode ser tudo menos cansado. Embora as bolsas debaixo dos olhos, a barriga pesada e o rosto comprido e sério lhe dêem realmente um ar de cansado da vida, ele é forte e incrivelmente ativo e criador. Hipocondríaco convicto ("Meu velho, o ar livre pode matá-lo"), não obstante, submete-se a um programa estafante, tocando com sua orquestra uma noite aqui, outra noite ali, viajando 52 semanas por ano para todos os cantos do globo. "Não acredito na distância entre as gerações", disse ele no dia de seu aniversário. "Acredito no fenômeno da regeneração. Cada dia a gente se regenera, ou então não vive."

Em muitos sentidos, a história de Duke Ellington é a história do próprio jazz. Em mais de meio século de sua vida como compositor, já

escreveu mais de 2.000 canções, que vão de sucessos populares como *Mood Indigo* e *Solitude* a música sacra e poemas sinfônicos longos e harmônicamente complexos, como *Black, Brown and Beige*. Compôs música para a Broadway e vários filmes, e já vendeu quase 20 milhões de discos.

Homenageado por quatro Presidentes dos E.U.A., a Rainha Elizabeth e o Papa Pio XII, Ellington já regeu a Filarmônica de Londres, a orquestra da Ópera de Paris e as Sinfônicas do Scala de Milão, de Hamburgo, Estocolmo e Toronto, bem como muitas sinfônicas importantes americanas. Embora nunca terminasse o ginásio, tem diplomas honorários de oito universidades, inclusive Yale e Brown. ("Um doutorado é uma maravilha", diz ele. "Quer dizer que, evidentemente, alguém está escutando. Mas se eu escrever música e eu a ouvir, essa é a minha recompensa.")

"Você é Abençoado". Edward Kennedy Ellington nasceu na capital dos E.U.A. Foi criado com muito



afeto e religião. Êle fala muitas vezes da grande influência de sua mãe sobre êle. "Ela dizia: 'Edward, você é abençoado'", recorda Ellington. "Disse-me que eu nunca teria de preocupar-me—e por isso nunca me preocupei."

Seu pai e sua mãe tocavam piano, e aos sete anos êle começou a tomar lições. Mas a professôra logo desistiu de ensiná-lo porque êle não queria praticar escalas. Assim mesmo, aos 14 anos compôs sua primeira canção, *Soda Fountain Rag*, inspirada na sorveteria em que trabalhava. Também adquirira o apelido de "Duke" (Duque) devido a seu ar aristocrático em seu uniforme engomado de copeiro de sorveteria. Às vezes alguém lhe pede para tocar essa primeira canção. "Não posso", diz êle. "É muito difícil."

Depois de alguns anos tocando com pequenas orquestras perto de Washington, Ellington conseguiu chegar a Nova York. Aí recebeu o que mais se aproximou de uma educação musical. Teve a proteção de um violinista negro famoso chamado Will Marion Cook, que tinha estudado e sido muito aclamado na Europa. "Eu lhe fazia perguntas a respeito de música", recorda Ellington. "E o que êle me respondia equivalia a um semestre de estudo. Depois êle dizia: 'Você tem de ir para o conservatório.' E eu respondia: 'Velho, eu não quero ir para o conservatório porque êles lá não ensinam o que eu quero aprender'."

"**Não Posso Dizer Não**". Com o

tempo, Duke organizou uma pequena orquestra que tocava em Nova York. Tiveram a sua primeira grande oportunidade em 1927, quando fizeram um programa de rádio de âmbito nacional, transmitido do Cotton Club do Harlem. O jazz estava então tomando o seu lugar na música, e o Harlem era um lugar muito animado. Faziam esplêndidas sessões, que Duke recorda com saudade. "Estavam lá 'Willie the Lion' Smith e James P. Johnson. Eu dava uma voltinha no piano, e Fats Waller também. O Lion punha o charuto na bôca e corria para o piano. 'Levante-se', dizia êle. 'Eu lhe mostro como é que isso deve ser tocado.' E mostrava mesmo!"

Embora 1929 fôsse o ano da crise em Wall Street, o prestígio de Ellington continuou a crescer. Apareceu em *Show Girl*, de Florenz Ziegfeld, com música de George Gershwin. Êle e sua orquestra foram a Hollywood para fazer dois filmes, e em princípios da década de 1930 excursionaram pela Europa, onde a música de Ellington foi comparada à de Ravel e Bach.

Suas harmonias complexas e combinações instrumentais originais produzem o som quente e exuberante que caracteriza o estilo Ellington. Através dos anos êle evoluiu da composição de padrões populares como *Do Nothing Till You Hear From Me* para peças sinfônicas mais longas e complexas como *Reminiscing in Tempo* e *Such Sweet Thunder*. Em tudo quanto compôs, pegou a música da

América negra—ragtime, religiosa e blues—e dotou-a de elegância e graça. “Ele pôs gravata preta no jazz”, disse um crítico.

Uma Forma de Adoração. Há alguns anos Ellington estava tocando num cabaré fumarento de Redwood City, na Califórnia, quando foi abordado pelo Cônego John Yaryan e o Deão C. Julian Bartlett, da Catedral Grace de São Francisco. Propuseram-lhe que regesse um concêrno sacro na catedral. “Eu fiquei pasmo”, diz Duke agora. “Como é que eu ia ficar ali naquela grande catedral e fazer barulho? Disse-lhes: ‘É melhor os senhores esperarem um pouco. Preciso organizar-me.’ Mais tarde, respondi: ‘Está bem, vamos.’”

A música sacra foi um dos maiores desafios da longa e produtiva carreira de Ellington. Sempre religioso (lê a Bíblia tôdas as noites), estava resolvido a produzir música cheia de reverência e beleza. “Eu disse com meus botões: ‘Aqui está você, Duke Ellington, e lá está aquela grande catedral. Você não pode facilitar, rapaz. Tem de escrever uma música reta e certa para uma catedral.’”

O concêrto, com o còro da catedral cantando a música de Ellington e um sapateador dançando diante do altar, foi um sucesso enorme. Desde então, Duke já tocou em outras catedrais famosas, inclusive a Catedral de Coventry, na Inglaterra, bem como em importantes sinagogas, onde a música de Ellington foi cantada em hebraico. “Êsses concertos são, na verdade, sermões mu-

sicais, afirmações de verdades eternas”, diz Ellington. “São um espetáculo profundamente religioso e alegre. E por que não? Uma forma de adoração é oferecer ao Senhor aquilo que se sabe fazer melhor.”

Sonhar e Escrever. Ellington podia ter-se aposentado de seu trabalho árduo há muito tempo, mas isso não está nos seus planos. Há pouco tempo, êle voltou de uma série de espetáculos nas Antilhas para uma gravação num estúdio de Nova York. Durante a sessão, que durou três horas, êle alternou entre tocar piano, saltar do banquinho para reger, sacudindo o braço de acôrdo com o ritmo, e depois agachando-se no meio dos músicos, acenando delicadamente para os homens dos flancos como se estivesse suavemente persuadindo a música a sair de seus instrumentos.

Por volta de meia-noite, Duke estava pronto para partir. Ia comer qualquer coisa, disse êle. Depois, êle e Harry Carney, seu simpático saxofonista, que está com êle há 41 anos, iam de carro, de madrugada, para Cleveland, Ohio, onde tinham de chegar a tempo para atender a um compromisso na noite seguinte. Harry dirigiria, como havia feito em milhares de outras noites, deixando Ellington livre para compor.

“Harry e eu não conversamos muito”, disse Duke ao sair do estúdio. “Eu só sonho e escrevo, e fico sempre pensando que o que vai surgir amanhã é que vai ser o bom. Quem sabe que rumo tomará?”